



»Entrevista | NEUTON DORNELAS | PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA

Uso indiscriminado das canetas emagrecedoras preocupa mais os médicos do que possíveis efeitos colaterais, como inflamação do pâncreas. Para a SBEM, o importante é seguir o tratamento prescrito por especialista e comprar produtos de origem legal

“Alerta da Anvisa reforça a prescrição médica”

» CAETANO YAMAMOTO*

O alerta emitido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) sobre o risco de pancreatite aguda ligada ao uso indevido de medicamentos agonistas do receptor GLP-1, popularmente conhecido como “canetas emagrecedoras”, direcionou, mais uma vez, os holofotes a esses remédios. Entre 2020 e 2025, a Anvisa registrou 145 notificações de suspeitas de eventos adversos, além de seis supostos casos que terminaram em morte.

As ocorrências estão ligadas aos medicamentos Ozempic, Mounjaro, Wegovy, Trulicity, Saxenda, Victoza, Rybelsus e Xultophy. No entanto, a Anvisa afirmou que os casos ainda passam por uma avaliação técnica, e que somente as notificações não garantem uma relação direta entre o uso das canetas e os eventos relatados. Além disso, é apontada a possibilidade do envolvimento de produtos falsificados.

O presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), Neuton Dornelas, em entrevista ao *Correio*, falou sobre os riscos e cuidados necessários ao utilizar esses medicamentos. Um ponto fundamental, afirma o especialista, é o acompanhamento médico.

É correto denominar esses medicamentos de “canetas emagrecedoras”?

Um ponto importante é que, embora o título “caneta emagrecedora” tenha se popularizado, nós, médicos das sociedades científicas — e falo aqui como presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) — não preconizamos esse termo. Na verdade, tratamos esses produtos como medicamentos injetáveis descobertos para o

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Diabetes e obesidade são doenças crônicas, não têm cura. O tratamento, em teoria, deve ser contínuo. Além disso, os remédios, sozinhos, não resolvem tudo. Mudanças no estilo de vida, como combater o sedentarismo e manter uma dieta saudável, são fundamentais. Sem essas mudanças, o tratamento não terá o efeito adequado, e o peso pode voltar”

O primeiro risco é a aquisição por vias indevidas, já que a venda exige retenção de receita médica. Além disso, há o risco de efeitos colaterais graves por erro de dosagem e o perigo de interações medicamentosas, especialmente para quem já trata diabetes, podendo causar quedas bruscas no nível de glicose.

Esses efeitos colaterais afetam algum grupo específico de forma mais intensa?

Existem fragilidades individuais. Um idoso, por exemplo, pode ter menor tolerância a níveis baixos de glicose, enquanto um paciente jovem pode suportar maior carga de glicose. Em regra, o mecanismo de ação é o mesmo para todos. Lembrando que os medicamentos não devem ser utilizados por crianças abaixo de 12 anos, não há estudos suficientes para falar sobre elas. Quanto às pessoas com distorção de imagem que buscam perder poucos quilos por conta própria, o uso não faz sentido, trata-se de um problema de ordem psicológica ou psiquiátrica.

Quais são os cuidados após o término do tratamento para evitar o reganho de peso?

É preciso entender três conceitos: diabetes e obesidade são doenças crônicas, não têm cura. O tratamento, em teoria, deve ser contínuo. Além disso, os remédios sozinhos não resolvem tudo. Mudanças no estilo de vida, como combater o sedentarismo e manter uma dieta saudável, são fundamentais. Sem essas mudanças, o tratamento não terá o efeito adequado, e o peso pode voltar.

*** Estagiário sob a supervisão de Vinicius Doria**

tratamento de diabetes e da obesidade. Referimo-nos a eles dessa forma porque a caneta em si não trata; o que trata é o conteúdo. Esses medicamentos atuam no organismo por meio de três mecanismos principais: estimulam a secreção de insulina (hormônio que controla a glicose), retardam o esvaziamento do estômago e atuam no cérebro aumentando a saciedade. Assim, o paciente come menos e ocorre uma grande perda de peso. São medicamentos muito potentes.

Esses medicamentos apresentam risco à sociedade?

O alerta da Anvisa ressalta que o uso deve ter indicação para

quem vive com diabetes ou obesidade. Muita gente usa sem ter essas doenças. É preciso contextualizar a pancreatite: no Brasil, ocorrem cerca de 40 mil internações por ano por essa causa, sendo os principais motivos o uso excessivo de álcool e cálculos na vesícula biliar. Notificar alguns casos entre pessoas que usam o medicamento não é, inicialmente, um número assustador diante desse universo. Em resumo, não há motivo para pânico, mas o alerta reforça a necessidade de prescrição médica, indicação correta, fonte confiável de compra e supervisão nas doses para evitar efeitos colaterais.

Pancreatite tem cura ou tratamento?

Sim. Quando há inflamação no pâncreas, o paciente sente uma dor intensa na parte superior esquerda do abdômen, que pode irradiar para as costas, muitas vezes acompanhada de náuseas, vômitos, febre ou calafrios. O diagnóstico exige internação hospitalar imediata. É uma doença potencialmente grave, mas curável.

Quais são os sinais de alerta que o paciente deve observar para diferenciar um enjoo comum provocado pelo

remédio de um início de crise pancreática?

A dor é o sintoma mais característico, muitas vezes fazendo o paciente assumir a posição fetal. Esses medicamentos podem causar náuseas como efeito colateral comum, o que não significa pancreatite. No entanto, se houver náuseas seguidas de vômitos persistentes e, principalmente, a dor mencionada, deve-se procurar o pronto-socorro.

Quais são os riscos específicos para quem utiliza esses medicamentos de maneira indevida e sem acompanhamento médico?

Uma menina de 5 anos de idade morreu após um deslizamento de terra, na noite de segunda-feira, na cidade de Barra Mansa, Sul do estado do Rio de Janeiro, uma das mais afetadas pelo temporal que atingiu a região. Maria Eduarda Reis Norberto chegou a ser encaminhada à Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da Santa Casa da cidade, mas não resistiu e morreu na manhã de ontem.

No acidente, quatro pessoas precisaram de atendimento médico e permanecem em observação, com quadro estável. No bairro Siderlândia, onde aconteceu o deslizamento, 20 moradores desabrigados foram encaminhados para um abrigo temporário e permanecem acolhidos.

O Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) emitiu alerta

moderado para risco de fortes chuvas, vendavais e possibilidade de deslizamento de terra na maior parte do país, durante o dia de hoje. Segundo o centro, cerca de 50 municípios fluminenses têm risco moderado para deslizamentos de terra. Em São Paulo, a Defesa Civil aumentou para 45 o número de cidades sob risco no estado, por causa do solo encharcado e altos acumulados de chuva.

CHUVA NO SUDESTE

Deslizamentos matam em MG e RJ

Uma família morreu soterrada, ontem, após um deslizamento de terra destruir uma casa em Eugenópolis, na Zona da Mata mineira, a 700 metros da rodovia BR-356. Segundo o Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, quatro pessoas estavam na

residência: pai, mãe e dois filhos, de 15 e 20 anos. O barranco cedeu por causa das fortes chuvas que atingem os estados da Região Sudeste.

Desde a última semana, chove forte nas cidades da Zona da Mata. Na última segunda-feira, outro

deslizamento de terra, em Muriaé, a cerca de 20 quilômetros de Eugenópolis, também soterrou uma casa, deixando um homem morto. Entre os escombros, os militares do Corpo de Bombeiros conseguiram realizar o salvamento de um filhote de gato.



ALEXANDRE GARCIA

NÃO PARECE JUSTIÇA SOCIAL UNS VIVEREM DO SUOR DOS OUTROS. OS DE CARTEIRA ASSINADA SÃO 39 MILHÕES. BOLSA FAMÍLIA, 49 MILHÕES — MUITOS DESSES, DESESTIMULADOS AO TRABALHO. A VITÓRIA FINAL DO PROGRAMA SERIA QUANDO FICASSE COM ZERO BENEFICIADO. TODOS TRABALHANDO E GERANDO RENDA

Esfinge e labirinto

Na comemoração dos 46 anos do PT, o presidente Lula, num desabafo, se queixou dos evangélicos: “Votam nos outros. E 90% dos evangélicos ganham benefícios do governo”. Um raciocínio de que benefício do governo deveria resultar em voto. São 49 milhões os que recebem Bolsa Família. Mas não são considerados desempregados pelo IBGE, e Lula festeja percentual de 5,1% de desemprego. Ao mesmo tempo, o presidente apoia o fim da jornada 6x1: em vez das 44 horas de trabalho citadas na

Constituição, apenas 36 horas por semana, como está na proposta a ser examinada pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. Ideia de país esbanjando prosperidade. Como deveria ser o Brasil, com sua exuberante riqueza natural. Entre os fatores da riqueza, temos natureza exuberante; mas carecemos de capital, tecnologia e... trabalho.

Se for reduzida a jornada de trabalho para 36 horas semanais, em sete dias haveria apenas quatro de trabalho. Um dia a menos por

semana. Por ano, 52 dias a menos de produção de riqueza; a cada 10 anos, um ano e cinco meses sem trabalho — mas com a folha inalterada, pagando o que se pagava por 44 horas. Ganhar por 44 e só trabalhar 36 horas. É um paraíso, mas quem paga? O consumidor da mercadoria ou do produto, ou do serviço. Ou, quem sabe, perde quem ganha por 44 horas ao ser trocado por novos empregados com salário proporcional às 36 horas. Ou a empresa automatiza tudo, para se livrar logo dos encargos da folha, em que se paga por quase dois o salário de um. Deixa de ser empregadora. Ou troca de ramo. Ou fecha, porque entra

no vermelho. Talvez, vá para o Paraíso. Qualquer alternativa vai significar mais inflação, menos emprego, menos renda. Vai haver mais dias de ócio, com as tentações de mais festas, mais álcool, mais brigas.

O trabalho no país não está ameaçado apenas pela jornada menor. Os 49 milhões de Bolsas Família já estão fazendo falta na construção civil, nas colheitas de frutas, nos trabalhos braçais. Os quase 700 reais médios de Bolsa Família têm desestimulado a procura de trabalho. Somados a outros benefícios, são suficientes para sobreviver sem precisar acordar cedo, pegar condução, cumprir horário, obedecer

ordens, fazer esforço físico, suar. Pesquisas mostram que dois terços dos entrevistados querem redução de jornada. Certamente, desconhecem as consequências. Isso que 44 horas semanais é a jornada máxima, que pode ser negociada. A média, hoje, já é inferior a 39 horas.

Neste ano, serão R\$ 158 bilhões dos impostos de todos para custear o benefício. Não parece justa social uns viverem do suor dos outros. Os de carteira assinada são 39 milhões. Bolsa Família, 49 milhões — muitos desses, desestimulados ao trabalho. A vitória final do programa seria quando ficasse com zero beneficiado. Todos trabalhando e

gerando renda. O prefeito de Bento Gonçalves tentou: os beneficiários com saúde recebiam oferta de emprego. Mas ninguém quer perder o Bolsa Família. É de graça, e não precisa trabalhar. O governo já gasta muito e tem que pedir emprestado. A dívida pública já está perto de 80% da renda do país. O que tem custo de R\$ 1 trilhão de juros anuais. O Estado sustenta 53% de brasileiros. Ou melhor, 47% sustentam o Estado e seus dependentes. Impossível dar certo. Haddad está deixando o ministério; não foi um Édipo para decifrar essa esfinge. Para substituí-lo, só um Teseu, para entrar nesse labirinto.